



Fra Donatus Forkan
Priore Generale

Roma, 23 de Maio de 2010
Ref. PG.047/2010

PENTECOSTES 2010

Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo. (Act 2, 3-4)

**PARA TODA A ORDEM: IRMÃOS, COLABORADORES, VOLUNTÁRIOS E BENFEITORES
E TODOS AQUELES QUE SÃO POR NÓS ASSISTIDOS ATRAVÉS DO CARISMA DA HOSPITALIDADE**

Meus queridos Irmãos e Irmãs em Hospitalidade,

Passaram 50 dias desde a Páscoa, quando celebrámos a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, e chegámos entretanto à Solenidade de Pentecostes, quando a Igreja foi constituída e recebeu o dom do Espírito Santo que cria unidade no amor e no respeito pela mútua diversidade. Desde então, diferentes culturas e línguas foram incorporadas na Igreja e podem compreender-se umas às outras pela fé em Cristo ressuscitado e pelo seu Espírito, e todos nós somos testemunhas desse grande dom da universalidade da Igreja: a Igreja fala as línguas de todas as nações. A realidade universal da nossa Ordem é um testemunho vivo disto mesmo. A Festa do Espírito Santo é também dia de festa da Igreja e a festa da nossa grande Família de S. João de Deus¹.

A presença do Espírito na nossa missão torna-se evidente pelo facto de a missão se ter difundido em todo o mundo, sendo evidente que nunca teve uma tal presença no passado entre as pessoas doentes, pobres e necessitadas. Como Ordem, estamos na linha da frente proclamando a Igreja aos últimos. Foi isto o que Jesus quis. A nossa missão conduz-nos às pessoas que sofrem devido a uma enorme variedade de doenças e necessidades, por exemplo, as que sofrem de SIDA, que estão afectadas por doenças do foro psiquiátrico e mental, os idosos, os sem-abrigo, os pobres e os famintos, crianças e adultos portadores de deficiências mentais, e muitas outras que vivem em estado de necessidade.

¹ Const. 2; 41.

Como seguidores de João de Deus, todos nós precisamos de encarar positivamente as coisas e de tentar animar as pessoas que se encontram em situações nas quais há oposição, resistência e medo. Estas situações, frequentemente, dificultam e tornam mais lenta a realização da missão, porque o mundo precisa de ser humanizada hoje mais do que nunca outrora. Muitas pessoas são privadas dos seus direitos e humilhadas, pelos mais diversos motivos, quer por razões de saúde quer por tremendos dilemas financeiros. Muitas outras sentem-se vulneráveis e sem defesas numa sociedade que não se ocupa delas e tende mesmo a marginalizá-las. O Espírito de Cristo ressuscitado envia-nos precisamente ao encontro dessas pessoas para lhes levarmos a esperança da Boa Nova.

Antes de Jesus partir deste mundo, deixou um presente aos seus seguidores e a todos nós, isto é, a sua paz! A paz de Jesus está contida no desafio de um ilimitado serviço de amor, de inclusão compassiva, integridade corajosa e hospitalidade generosa. A hospitalidade de João de Deus pode ser um maravilhoso *instrumento de paz!* Quando reflectimos sobre o que realmente significa a *paz* e a grande necessidade que o nosso mundo tem de paz, é evidente que se trata de um dos frutos de uma *sociedade hospitaleira*, tal como João de Deus a delineou. O contrário também é verdade. Uma sociedade que não se preocupe com os seus membros mais fracos é uma sociedade que não está em paz consigo mesma, é uma sociedade onde há violência, abuso de poder, tráfico das pessoas – até mesmo crianças –, trabalho escravo, corrupção, manipulação dos desinformados e da própria informação, marginalização de minorias e abandono dos débeis. Dado que somos chamados a tornar a Igreja presente nestas situações, precisamos de ser criativos e de trabalhar com todos aqueles que partilham a nossa filosofia e os nossos valores. Devemos estar preparados para trabalhar em rede com outras agências e promover novas formas de assistência não hospitalar. A evolução constante da medicina e das ciências sociais também nos coloca um verdadeiro desafio a evangelizar no espírito de Hospitalidade² em todas as circunstâncias e lugares.

Antes do Pentecostes e de receberem o Espírito Santo, os discípulos de Jesus estavam cheios de medo. Escondiam-se atrás de portas trancadas, apavorados com o receio que lhes pudesse acontecer o mesmo que acontecera a Jesus. Mas, depois de receberem o dom do Espírito, abriram-se-lhes os olhos e os corações e fortaleceu-se a sua fé. Incentivados pela presença do Espírito, empreenderam com entusiasmo a sua missão de darem testemunho e serem arautos da Boa Nova até aos confins da Terra – tal como ela era conhecida naquele tempo.

Também nós estamos a viver num tempo de grande mudança, um *tsunami* de mudança tão devastador que poderia levar algumas pessoas, como fizeram os discípulos, a fechar-se em si mesmas e a retirar-se na segurança das suas casas, amedrontadas com o que o Evangelho de misericórdia e hospitalidade poderia requerer delas, neste momento crítico da nossa história. É verdade que os tempos em que vivemos exigem muitos sacrifícios, obrigam-nos a abandonar seguranças passadas e modos familiares de fazer as coisas, fazem-nos sentir a insegurança de não sabermos exactamente aonde conduz este caminho e como ele vai terminar. Ao mesmo tempo que é compreensível, de um ponto de vista humano, sentir-se vulnerável e, por conseguinte, a tentação do isolamento em si mesmo, essa não seria porém uma atitude lá muito missionária. Em tempos como estes, nós somos chamados a renovar a nossa fé na presença de Jesus nas nossas vidas e no poder do Espírito Santo de transformar e curar os nossos medos, mesmo os mais profundos.

² Estatutos Gerais, 19.

Devemos também abrir-nos ao mundo e sermos receptivos ao Espírito, e aperceber-nos de que, segundo as palavras de São Paulo, na sua Carta aos Romanos, o Espírito de Deus habita em cada um³ e está em toda a parte. Confiemos no Espírito, deixando que ele trabalhe em cada um de nós, escutando o que ele tem para nos dizer através dos outros, procuremos interpretar os sinais dos tempos e, especialmente, escutemos o que ele nos diz através dos nossos irmãos e irmãs doentes e necessitados⁴.

Desta forma, haverá a um *novo Pentecostes* para a nossa Ordem; serão libertadas energias frescas, teremos uma nova direção, ideias inovadoras, novas expressões da missão de Hospitalidade e entusiasmo para as realizarmos. Esta nova *experiência de Pentecostes* ajudará a moldar o futuro da nossa Família Hospitaleira e o modo de cumprir o seu mandato de “manifestar o carisma de Hospitalidade segundo o espírito de S. João de Deus no mundo de hoje”.⁵ Deste modo, cada vez mais pessoas que perderam a sua dignidade humana vê-la-ão restabelecida através do modo como são tratadas, assistidas e ajudadas pelos seguidores de João de Deus. Numa dimensão mais profunda, conhecerão “o amor de Cristo (por elas)... e receberão toda a plenitude de Deus”.⁶

Quando reflecto sobre a dignidade humana, recordo a visita anual que os noviços e eu fizemos, há muitos anos, a uma bela ilha situada a apenas um quilómetro da costa da Coreia do Sul. Nessa ilha viviam então aproximadamente 600 pessoas, embora a situação tenha hoje mudado. Não se tratava de pessoas comuns: sofriam da **doença de Hansen** (lepra). Pensava-se, então, que esta doença fosse contagiosa, assim quem sofresse de “lepra” tinha que ser isolado e viver em determinadas aldeias – ou ser enviado para aquela ilha. Embora a ilha fosse muito bonita, como continua a ser – mas já não é usada para aquele fim –, para as pessoas enviadas para lá viverem em isolamento tratava-se de uma prisão. Todos os anos nós passávamos dois meses a trabalhar no hospital. Dado que na ilha havia poucos recursos humanos e os recursos materiais eram limitados, a nossa presença era bem-vinda pelas autoridades e, acima de tudo, pelos pacientes.

Todos os que viram o filme “Damião, o Leproso”, ou “Damião, o Santo de Molokai”, recordarão a natureza devastadora da doença a que chamamos lepra. Nos dias de hoje, naturalmente, graças aos progressos da Medicina, a lepra pode ser tratada eficazmente como qualquer outra doença de que os seres humanos sofrem. Porém, se não for tratada atempadamente, pode ter efeitos devastadores, porque é uma infecção bacteriana que alastra lentamente, afectando a pele, os nervos periféricos das mãos e dos pés e as membranas mucosas do nariz. Apesar de as pessoas com quem nos encontramos na ilha estarem fisicamente desfiguradas, e muitas delas psicologicamente destroçadas, devido ao afastamento das suas famílias e da sociedade, elas preocupavam-se em ajudar-se umas às outras. Podia-se ver a humanidade presente em cada um, que tornava possível aceitarem a própria condição com um certo grau de tranquilidade. Muitos encontraram conforto na sua fé. Ao trabalhar com estas pessoas marginalizadas aprendi a apreciar a beleza interior e a imensa dignidade de todo o ser humano. Estou certo de que outras experiências semelhantes ensinaram o mesmo a muitos de vós que dais continuidade à obra de João de Deus no meio da humanidade sofredora.

³ Rm 8, 9.

⁴ MARCHEIS, Pierluigi, Humanização.

⁵ Constituições, 1g.

⁶ Ef 3, 18-19.

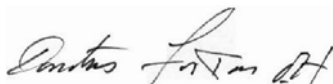
Acho que temos de elevar a nossa consciência da dignidade de todo o ser humano que Nosso Senhor coloca à nossa frente, ao longo do nosso caminho, e de ver a sua beleza interior. A graça, ou intuição, que João de Deus recebeu consistia em compreender que a doença, a deformidade ou a deficiência não podem destruir nem diminuir a beleza interior de cada pessoa, porque todos somos criados à imagem e semelhança de Deus, apaixonadamente amados por Deus e destinados a estarmos com ele no céu, para sempre.

As difíceis provações devido a situações de doença, pobreza e vulnerabilidade com que temos de nos confrontar devem impelir-nos cada vez mais a redescobrir as raízes da nossa vocação, interrogando-nos por que razão Deus nos chamou. Este difícil caminho espiritual exige uma oração pessoal constante que nos conduzirá, através do nosso encontro com pessoas necessitadas que são marginalizadas pela sociedade, a uma genuína renovação interior e a um *novus Pentecostes* da Ordem e da Igreja.

Peçamos à Nossa Mãe Santíssima que interceda por nós, como fez com e pelos apóstolos, para que o Espírito Santo abra também os nossos corações à Palavra de Deus, de modo que, escutando atentamente, sejamos capazes de nos conformarmos cada vez mais com a mente do Cristo misericordioso e redescubramos a grandeza da nossa vocação em Hospitalidade, como sinal de esperança num mundo que precisa de humanidade genuína.

Juntamente com o Governo Geral da Ordem, e a Família Hospitaleira que vive junto da Cúria Geral, envio a todos os membros da Família de S. João de Deus os melhores votos para a Festa de Pentecostes. Rezo para que cada um de vós e os vossos familiares – especialmente aqueles pelos quais tendes uma particular preocupação neste momento – recebam bênçãos abundantes neste Dia de Pentecostes!

Com uma saudação fraterna em S. João de Deus,



Ir. Donatus Forkan, O.H.
Superior Geral